

Sensata Mõça

20/6/66

Rubem Braga

É POSITIVAMENTE bela Maria Raquel de Andrade, a atual «Miss» Brasil, e isso tõda gente sabe. O que eu não sabia era que se tratava de mõça tão sensata; ela acaba de provar que sua cabeça não serve apenas para levar aquêles lindos cabelos louros: ela a usa também para pensar. Maria Raquel respondeu à enquete que o «Diário de Notícias» está fazendo sôbre a sucessão presidencial e outros temas políticos. Disse que tanto faz que o nôvo presidente seja civil ou militar, desde que seja «bom, honesto e eleito pelo povo». Ora, isso quer dizer que Maria Raquel não acredita nas famosas «regras do jôgo» estabelecidas por um pequeno grupo de militares e políticos para fazer com que um general substitua outro general. General ou não, o nôvo presidente deve ser, em sua opinião, «eleito pelo povo».

Na sua simplicidade essa mõça diz uma coisa que todo mundo sente, e que os nossos espíritos mais responsáveis defendem: a única saída nesse beco de incongruências e abusos, em que a Revolução meteu o Brasil com seus atos institucionais, seus IPMs, suas cassações e suas majestosas tolices, é permitir que o povo assuma a responsabilidade da escolha do Chefe da Nação, para que êle seja governado por alguém em que êle confie.

Porque a verdade é que existe apenas um só candidato, e êsse candidato não é do povo. É candidato de si mesmo; é candidato de uma facção, grande ou pequena, das fôrças armadas. Se o atual presidente se julga no dever de engolir êsse candidato e de impor seu nome à precária maioria de um parlamento já truncado e em fim de mandato, isso é problema do marechal Castelo Branco. Mas que não se fale mais em democracia e não se pretenda que haja, em tõda essa farsa, qualquer tintura de democracia.

O homem pode ser «eleito», pode ser empossado e mandar no país durante quatro anos, e até mais. Mas a verdade é que não será legitimamente eleito; a verdade é que é um candidato impõsto à Nação, que o tem de engolir porque lhe é metido goela abaixo com seus borzeguins, seu uniforme, suas estrêlas de general, seu quepe, seus óculos escuros e tudo.

Mais adiante diz Maria Raquel que seu presidente ideal não seguiria a atual política econômico-financeira, que não tem dado bons resultados, pois o custo de vida continua a subir, como tem constatado nas vezes em que acompanha a mãe à feira, ou quando faz compras para si mesma. Acha que um casal de jovens tem atualmente maiores dificuldades econômicas para namorar, noivar ou construir um lar do que, por exemplo, há dois anos, e, por isto, a política do marechal Castelo Branco está atrapalhando e influido até mesmo no amor. Não é uma teórica a bela Maria Raquel. É uma pessoa viva, que tem notícia, em sua vida diária, do preço dos alimentos e da aflicção dos jovens.

Quem não sabe essas verdades? Difícil não é apenas «construir um lar»: é mantê-lo, pois nada desagrada e corrompe mais a família que a miséria: miséria é promiscuidade, humilhação e discórdia.

São, eu já disse, verdades bem simples; nem era preciso que uma linda mõça loura as dissesse. O ministro Roberto Campos é muito habilidoso para discutir; mas seria melhor que no lugar de sofismar com os doutos êle fõsse à feira com Maria Raquel.